

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*, DE MACHADO DE ASSIS E *O EQUILIBRISTA DO ARAME FARPADO*, DE FLÁVIO MOREIRA DA COSTA

Gabriela Soares Nogueira Andreatti (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Weslei Candido (Orientador), e-mail:gsnandreatti@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes /Maringá, PR.

8.02.00.00-1 Letras; 8.02.06.00-0 Literatura Brasileira

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Intertextualidade; Paródia.

Resumo:

O presente estudo visa a analisar as relações intertextuais existentes entre os romances *O equilibrista do arame farpado*, de Flávio Moreira da Costa, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. As análises foram realizadas por meio de um estudo comparativo, que teve como base investigativa as referências explícitas à obra machadiana presentes na narrativa de Costa, tais como a dedicatória e o prólogo. Utilizar-se-á, para fundamentar as análises do trabalho, obras como as de Mikhail Bakhtin, de Julia Kristeva, de Linda Hutcheon e de Gérard Genette, que desenvolvem os conceitos de intertextualidade e de paródia, essenciais à base teórica da pesquisa. Procura-se mostrar, afinal, de que maneira Flávio Moreira da Costa relê a obra machadiana, por meio de processos intertextuais e paródicos que possibilitam a continuidade e a renovação de características da obra de Machado de Assis no contexto moderno. Desta maneira, ler os romances em questão pela chave intertextual e paródica demonstra o trabalho de releitura crítica do passado realizado pelo autor, ao mesmo tempo, que possibilita a reatualização da obra machadiana no século XX, confirmando a importância de Machado de Assis para a tradição literária brasileira.

Introdução

Contrariando o conceito de que a linguagem é fruto da construção isolada de um único falante, até então utilizado como parte da estrutura literária monológica, Bakhtin (2010) promove o pensamento da estrutura literária não enquanto elemento fixo, mas como um espaço em que ela se elabora em relação dialógica com outras estruturas.

O diálogo proposto por Bakhtin (2010) entre as vozes sociais que influenciam a construção do discurso e as próprias vozes presentes em um

único texto são reforçados por Kristeva (2005) e tornam-se a base do seu discurso sobre intertextualidade. O discurso literário deixa de ser visto como um produto fechado em si mesmo para tornar-se um espaço de interações textuais nos quais “[...] todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é a absorção e transformação de um outro texto” (Kristeva, 2005, p. 68). Nesse sentido, um texto não seria mais uma obra isolada das demais, mas suas escritas conectar-se-iam para formar um mosaico, interligando os textos em uma rede de significações. Assim, as obras literárias passam a ser vistas de modo contínuo, relacionando-se umas às outras e construindo seus significados por meio dessas relações.

A paródia, por sua vez, pode ser definida como o processo pelo qual uma obra se apropria de elementos de outra e, por meio, do distanciamento crítico e, muitas vezes, irônico, incorpora-a dando-lhe um novo significado: “A paródia é, noutra formulação, repetição com distância crítica, que marca a diferença em vez da semelhança” (HUTCHEON, 1989, p.17). Nesse sentido, a paródia é caracterizada pela releitura que um autor faz de um texto passado, ou seja, a reinterpretação do que foi dito anteriormente. A paródia deve realizar uma leitura crítica da obra que busca parodiar, de modo a dar ênfase às diferenças entre um texto e outro, visto que são as diferenças que caracterizam a paródia.

Além disso, a paródia é ambivalente, pois possui duas vozes distintas: uma que se liga ao intuito paródico de recuperar o passado e dar continuidade a ele por meio de sua reinserção no discurso de outro texto e outra que corresponde ao “esforço revolucionário” da paródia, no sentido de ela ser um texto de comentários críticos sobre o mesmo passado que visa resgatar.

Pensando a literatura brasileira como um sistema, uma sequência ininterrupta, uma linha de continuidade e ruptura, tradição e modernidade, local e universal como afirma Candido (2000), estudou-se as passagens intertextuais entre o romance *O Equilibrista do arame farpado*, de Flávio Moreira da Costa, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Nesse sentido, a pesquisa analisou quais os caminhos que Flávio Moreira da Costa encontrou para dialogar com Machado de Assis e com um contexto histórico tão distante do seu.

Materiais e métodos

A pesquisa foi realizada por meio da revisão bibliográfica sobre as teorias da intertextualidade e da paródia. Para isso, desenvolveu-se um levantamento dos principais autores e obras que tratam desses temas, a fim de desenvolver um percurso teórico sobre a intertextualidade e a paródia. Os principais autores utilizados na pesquisa foram: Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva, Gérard Genette e Linda Hutcheon. Além disso, a análise das obras que compõem o *corpus* de pesquisa do trabalho foi realizada por meio do estudo comparativo de trechos das narrativas, visando a perceber os pontos de intercessão que possam unir as duas obras.

Resultados e Discussão

Por meio do estudo comparativo entre *O equilibrista do arame farpado*, de Flávio Moreira da Costa, e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis foi possível analisar diversos pontos de intersecções entre as obras, nos quais procedimentos intertextuais e paródicos foram utilizados.

O primeiro ponto levantado foi a dedicatória da obra de Costa (2007), a qual realiza uma paródia a famosa dedicatória machadiana, na qual o narrador dedica sua obra aos vermes que primeiro roerem seu corpo. A dedicatória de Costa (2007), por sua vez, dedica a obra aos vermes que roeram o cadáver de Machado de Assis, marcando a diferença entre ambas por meio da ironia na oferta que o narrador faz.

Além disso, a construção do narrador empregada em *O equilibrista do arame farpado* pode ser considerada intertextual, pois remete à construção machadiana de Brás Cubas, uma vez que ambos utilizam a “desfaçatez” (SCHWARZ, 2008) no tratamento direcionado ao leitor. O conceito de “desfaçatez” consiste no desrespeito que o narrador tem pelo leitor, em seu comportamento irreverente que dialoga diretamente com o leitor da obra, buscando instigá-lo e contrariá-lo de suas hipóteses e de seus julgamentos.

Um dos capítulos da obra de Costa (2007), também, relaciona-se com *Memórias póstumas de Brás Cubas*, visto que “transcontextualiza” (HUTCHEON, 1989) o diálogo entre Brás Cubas e Virgília, intitulado de “O velho diálogo de Adão e Eva” que na obra de Costa (2007) passa a ser “Fragmentos de uma cena familiar”. O diálogo escrito somente com pontos deixa de remeter a uma cena íntima entre dois amantes, para figurar como diálogo entre marido e mulher sobre assuntos concernentes ao namoro da filha, ou seja, o que antes era tido como diálogo amoroso, torna-se uma discussão no seio familiar.

A paródia se faz presente, também, em outro capítulo do romance. Em “Prólogo à moda antiga (e fora do lugar)”, Costa (2007) convoca para realizar os comentários intróitos de seu romance o narrador de *Memórias póstumas*, ou seja, Brás Cubas é o responsável por narrar um capítulo de prefácio localizado após a primeira parte da narrativa. Tal procedimento é analisado como paródico, pois, além de deslocado de seu lugar convencional, o capítulo contém comentários sobre o romance atual e sobre a obra machadiana, marcando as diferenças e as semelhanças entre ambas, com base no distanciamento crítico que possibilita a releitura do passado.

Assim, *O equilibrista do arame farpado* contém vários pontos de análise, nos quais são possíveis de identificar diversas referências ao texto machadiano que permitem leituras intertextuais e paródicas sobre seus conteúdos.

Conclusões

A paródia e a intertextualidade são formas de dar continuidade às vozes do passado, por meio da releitura crítica do mesmo. O diálogo entre texto atual

e texto anterior reforça a presença desse no cânone literário, uma vez que os autores optam por textos famosos para dialogar, pois a percepção do texto referenciado, pelo leitor, é fundamental para que a paródia e o intertexto se realizem. Por esse motivo, o trabalho paródico, principalmente, com os textos clássicos faz com que esses sejam destronados da posição que assumiram, e permite que novas leituras sejam realizadas por meio da relação desses com um novo contexto.

O trabalho realizado por Flavio Moreira da Costa ao parodiar *Memórias póstumas de Brás Cubas* é uma forma de releitura crítica da tradição literária brasileira, pois reinsere procedimentos machadianos, como a “desfaçatez” (SCHWARZ, 2008), e o próprio Brás Cubas em contextos diferentes dos que foram produzidos. Desta forma, ao reler a obra machadiana, por meio de processos intertextuais e paródicos, Costa (2007) possibilita sua continuidade, por meio da renovação dentro da tradição literária brasileira.

Agradecimentos

Agradeço a todos que colaboraram com ao desenvolvimento da pesquisa, principalmente, ao Cnpq cuja bolsa possibilitou a compra de material para a pesquisa e a participação em eventos e àqueles que de forma indireta contribuíram por meio de conversas, de indicações de leitura e de opiniões sobre o assunto. Gostaria de agradecer, também ao meu orientador, Weslei Candido, pelo auxílio à pesquisa e pela paciência e pela dedicação ao me auxiliar.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 5ª ed. Santa Catarina: Avenida, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9ª. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 5ª. ed. Revista. São Paulo: Companhia da Editora Nacional, 1976.
- COSTA, Flávio Moreira da. **O equilibrista do arame farpado**. 2ªed. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. 1ª. ed. Trad. Cibele Braga *et al*. Belo Horizonte: Editora Viva Voz, 2010.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Trad. Tereza Louro Pérez. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2ª. ed. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34. 4ed, 2008.